

## ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS<sup>[1]</sup>)

Carlos Alberto Porcino<sup>1</sup>; Jeane Freitas de Oliveira<sup>2</sup>; Maria Thereza Ávila Dantas Coelho<sup>3</sup>; Dejeane de Oliveira Silva<sup>4</sup>; Cleuma Sueli Santos Suto<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF/UFBA). Psicóloga clínica voluntária da Associação de Travestis de Salvador (ATRAS)/Grupo Gay da Bahia (GGB) - [carlos.porcino@outlook.com](mailto:carlos.porcino@outlook.com)

<sup>2</sup>Professora Adjunta da Escola de Enfermagem (UFBA) - [jeane.foliveira@outlook.com](mailto:jeane.foliveira@outlook.com)

<sup>3</sup>Professora associada do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC/UFBA) - [therezacoelho.ihac@gmail.com](mailto:therezacoelho.ihac@gmail.com)

<sup>4</sup>Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF/UFBA). Professora Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) - [dejeanebarros@yahoo.com.br](mailto:dejeanebarros@yahoo.com.br)

<sup>5</sup>Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGENF/UFBA). Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus VII - [cleuma.suto@gmail.com](mailto:cleuma.suto@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho visa apresentar os resultados obtidos a partir de uma pesquisa sobre o núcleo central e a periferia das Representações Sociais da(s) transexualidade(s) entre 27 mulheres (transexuais) que foram e/ou estão em atendimento na Associação de Travestis de Salvador (ATRAS). O instrumento utilizado para coleta de dados comportou informações acerca das características sociodemográficas e da técnica de associação livre de palavras, tendo como termo indutor “*Eu mesma, mulher (transexual)...*”, seguida da hierarquização, conotação - em termos de positivo, negativo ou neutro - e da justificativa ao termo classificado como o mais importante. Os dados foram processados pelos softwares *Evocation 2005* - para identificação da saliência através do quadro de quatro casas - e *Iramuteq* - para construção da árvore máxima de similitude e identificação da centralidade e conectividade entre os termos evocados. Os resultados mostram a saliência e centralidade dos termos *preconceito, mulher, luta e medo*. Assim, conclui-se que, para o grupo investigado, o percurso da ‘transição’ do gênero assignado para o autorreferido e o caráter (ainda) inconcluso de seus corpos implicam, em alguns momentos, serem vistas/notadas como ‘estranhas’ e ‘exóticas’. Esses aspectos se traduzem em preconceito, medo e luta, que compõem as suas representações sobre as próprias vivências.

**Palavras-chave:** Transexualidade, Representações Sociais, Associação Livre de Palavras.

### Introdução

A sociedade ainda se organiza de modo dicotômico em torno de duas categorias sexuais e de gênero, com atribuições específicas e esperadas para aquele(a)s que se autorreferem como homens e mulheres. Essa cruel dicotomia reforça uma espécie de ‘diferença’ entre as pessoas (transexuais) das demais, pois no senso comum a noção de gênero está pautada no binarismo em consonância com o padrão heteronormativo. Nesse sentido, o reconhecimento político da diversidade sexual e de gênero é um fenômeno recente, antecedido por meio das lutas engajadas pelo movimento social

---

<sup>1</sup>A utilização de parênteses na palavra “transexuais” se justifica em função das autoras concordarem com Teixeira (2013, p. 37), que pontua que o termo transexual não se sobrepõe ao gênero reivindicado por tais pessoas. Por meio da nomeação de suas/seus interlocutoras/es, a referida autora adota uma estratégia de transformar a palavra ‘transexual’ de substantivo em um adjetivo entre parênteses. Além do mais, pontua que “[...] homens e mulheres (transexuais), antes de reivindicar os direitos relacionados à sua pessoa, estão lutando para serem reconhecidas como pessoas”.

organizado de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Intersexo e Queer (LGBTIQ).

O movimento de travestis e mulheres emerge na década de 1990, por meio da fundação da Associação Nacional de Travestis Liberados (ASTRAL), no Rio de Janeiro em 1992 (PATERNOSTRO, 1999). Como não possuíam recursos financeiros para acessar as travestis e mulheres (transexuais) no Brasil inteiro, organizaram em 1993, por meio da ASTRAL, o I Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam na Prevenção da Aids (ENTLAIDS)<sup>2</sup>. A partir de então foi organizada a segunda edição do ENTLAIDS, que aconteceu em 1994, na cidade de Vitória-ES. O terceiro encontro volta para o Rio de Janeiro com intuito de criarem uma rede nacional que possibilitasse melhor articulação e conexão o tempo inteiro. Nesses encontros, questões relacionadas ao próprio segmento eram problematizadas. A partir daí, com o objetivo de proporcionar maior articulação do movimento foi criada a Rede Nacional de Travestis (RENATA). Em 1997, passou a ser denominada Rede Nacional de Travestis e Liberados (RENTRAL), visando agregarem ‘os Liberados’, por meio da inclusão da letra ‘L’, que atuou até 2000. Em dezembro desse mesmo ano, as lideranças trans brasileiras, reunidas em uma assembleia na cidade de Porto Alegre, oficializaram a criação da Articulação Nacional de Transgêneros (ANTRA). Logo depois se tornaria Articulação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), com registro em Cartório em 2002, cujo lançamento ocorreu por ocasião do IX ENTLAIDS em Curitiba (VENCESLAU, 2014). Em 2016, passou a ser denominada: Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Desde então, o ENTLAIDS foi realizado anualmente, em diversas cidades brasileiras. Em 2012, durante o XIX ENTLAIDS foi votado em plenária que o encontro passaria a ser realizado a cada dois anos; o XX encontro foi realizado em 2014, em Curitiba; o XXI, em 2016, em Campo Grande - MS.

Atualmente, existem centenas de grupos que atuam na promoção dos direitos humanos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo, vinculados à Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), a Rede Trans Brasil e ao Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT).

---

<sup>2</sup>Em 2000, na carta de Porto Alegre, o ENTLAIDS passou a ser denominado “Encontro Nacional de Travestis e Transexuais que atuam na Luta contra a AIDS”, com a exclusão do termo ‘Liberados’ (SIMPSON, 2017).

A Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (Rede Trans Brasil) foi criada em 2009, na cidade do Rio de Janeiro. A Rede Trans Brasil é uma instituição nacional que também representa Travestis e Transexuais no Brasil (REDE TRANS BRASIL, s/d). Enquanto que o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), foi fundado em 2 de julho de 2013, com o objetivo de lutar em prol da qualidade de vida de ‘*transhomens*’ brasileiros, bem como promover o desenvolvimento, e monitoramento de pesquisas e discussões sobre esse segmento populacional e fomentar políticas públicas e exercício do controle social, fundamental para o reconhecimento da cidadania, identidade social e política (IBRAT, 2014).

Por conseguinte, o dia da visibilidade Trans, é comemorado em 29 de janeiro. Esse dia foi escolhido porque em 29 de janeiro de 2004, pela primeira vez no Brasil, travestis e mulheres (transexuais) foram ao Congresso Nacional para falarem aos parlamentares sobre a realidade de suas vidas e exigiram o reconhecimento como cidadãs (PASSOS, 2016).

Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais (TRS), concebida por Serge Moscovici (2012), com foco em sua vertente estrutural, desenvolvida por Jean-Claude Abric (2000), será utilizada como suporte teórico-metodológico por compreender o sujeito como aquele que acumula conhecimentos e experiências por meio das vivências individuais e coletivas. A partir do que vivenciam, criam representações e interiorizam os costumes sociais, que são transmitidos através das gerações e compartilhados nos/pelos grupos de pertencimento (MOSCOVICI, 2013; SÀ, 2015).

As representações, afirma Jovchelovitch (2011, p. 35), não se constituem apenas como construções mentais individuais, mas demandam “[...] um trabalho simbólico que emerge das inter-relações Eu, Outro e objeto-mundo e, como tal tem o poder de significar, de construir sentido, de criar realidade”, cuja tarefa está correlacionada às visões de mundo do grupo. Para Arruda (2014), a representação é compreendida como construção da realidade em função do significado que ela faculta ao objeto. Para alcançá-la, é necessário [...] um exercício de interpretação: a pesquisa visa exatamente a coleta de indícios e a sua sistematização pelo(a) pesquisador(a) para chegar a essa interpretação, que se faz apelando a vários recursos (ARRUDA, 2014, p. 120).

Assim, a partir da(s) experiência(s)/vivência(s)<sup>3</sup> de uma das autoras, no atendimento psicoterapêutico a mulheres (transexuais), observa-se que, nesse ‘trânsito’, mudanças podem

---

<sup>3</sup>Como mulher (transexual) e psicóloga clínica na Associação de Travestis de Salvador (ATRAS)/Grupo Gay da Bahia (GGB). Ainda assim, apesar de meu corpo não ‘ser’ e/ou ‘estar’ passável, tendo em vista não ter efetuado práticas de alterações e/ou modificações corporais, esta é forma pela qual me sinto, visto que essa experiência/vivência interna subjetiva é percebida/vivida de modo singular por cada uma/um no processo de transição do gênero assignado para o gênero autorreferido, para aquelas(es) que assim desejam.

ocorrer, que por vezes se mostram provisórias, acompanhadas de tensões, angústias, incertezas e resistências. Isso ocorre num constante fluir em que desejos, antes impensáveis, podem ser materializados, quer seja por meio de uma tomada de posição e/ou até mesmo a partir das alterações e/ou modificações corporais empreendidas. Nesse constante ‘fluir’, os processos são vivenciados de modo singular e perpassam pela autorreferência; em outras palavras, é a pessoa que expressa o desejo e modo como se identifica e o gênero a que sente pertencer, ao contrário do que é preconizado pela biomedicina, em que a(s) transexualidade(s) é/são compreendida(s) como uma condição patológica. Sob esse ponto de vista, é esperado que todas as pessoas que se autoafirmam enquanto mulheres e/ou homens (transexuais) tenham os mesmos desejos e reivindiquem para si os mesmos tratamentos. Por esse ângulo e por não compartilhar com esse posicionamento, eis que emerge o motivo de conhecer qual é a estrutura das representações sociais de mulheres (transexuais) sobre si mesmas.

## **Metodologia**

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada na Teoria das Representações Sociais (TRS), em sua vertente estrutural, por compreender o sujeito como aquele que acumula conhecimentos e experiências por meio das vivências individuais e coletivas (MOSCOVICI, 2012). De acordo com os pressupostos dessa abordagem, também conhecida como a Teoria do Núcleo Central, toda representação social se estrutura em torno de um ou alguns elementos de maior centralidade, constituindo-se num duplo sistema que integra elementos centrais e periféricos. O núcleo central é considerado o elemento essencial da representação e atua como responsável por sua unificação e estabilidade (SÁ, 2015).

O instrumento utilizado para a coleta de dados comportou informações acerca das características sociodemográficas e da técnica de associação livre de palavras, tendo como termo indutor “*Eu mesma, mulher (transexual)...*”, seguida da hierarquização, conotação - em termos de positivo, negativo ou neutro - e da justificativa ao termo classificado como mais importante. Os dados foram processados pelos *softwares* Evocation 2005 - para identificação da saliência<sup>4</sup> através do quadro de quatro casas - e pelo Iramuteq - para construção da árvore máxima de similitude e identificação da centralidade e conectividade entre os termos evocados.

---

<sup>4</sup>A ‘saliência’, nos termos de Moliner (1994), também considerada como o ‘caráter prototípico’ da representação, de acordo com Abric (1997), é obtida por meio da combinação dos critérios que comportam a frequência (F) e a ordem média de evocação (OME) de cada palavra, possibilitando o levantamento daquelas que provavelmente integram o núcleo central do campo representacional em questão (SÁ, 2015).

Foram investigadas 27 mulheres (transexuais) que estiveram e/ou estão em atendimento na Associação de Travestis de Salvador (ATRAS), no período compreendido entre junho de 2016 a junho 2017. A seleção das participantes foi feita mediante critérios de inclusão estabelecidos previamente: ter frequentado e/ou estar em atendimento psicoterapêutico no período supramencionado e ter idade igual ou superior a 18 (dezoito) anos. Das 29 pessoas que frequentaram as sessões de psicoterapia ofertadas, 27 aceitaram participar deste estudo e as demais não manifestaram interesse. Vale ressaltar que a participação neste estudo não foi condicionada ao atendimento ofertado. Essa participação se deu de forma voluntária, após a leitura, esclarecimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo assegurado o anonimato e a confidencialidade, conforme preconiza a Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O grupo investigado foi composto, majoritariamente, por pessoas na faixa etária entre 19 e 46 anos, naturais de Salvador-BA, de cor parda e nível de escolaridade ensino fundamental completo, conforme mostrado na Tabela 1.

**Tabela 1** – Principais características das participantes da pesquisa que responderam ao Teste de Associação Livre de Palavras (TALP), (n=27). Salvador, BA, Brasil, 2017.

Variáveis		N	%
<b>Faixa etária</b>	18 - 39 anos	24	<b>88,9</b>
	40 - 50 anos	03	11,1
<b>Naturalidade</b>	Salvador	20	<b>74,1</b>
	Bahia (outras cidades)	05	18,5
	Não-Bahia	02	7,4
<b>Cor</b>	Branca	05	18,5
	Parda	15	<b>55,6</b>
	Preta	07	25,9
<b>Escolaridade</b>	Ensino Fundamental Incompleto	05	<b>18,5</b>
	Ensino Fundamental Completo	15	55,6
	Ensino Médio Incompleto	01	3,7
	Ensino Médio Completo	02	7,4
	Ensino Superior Incompleto	02	7,4
	Ensino Superior Completo	02	7,4

## Resultados e Discussão

Os resultados obtidos no processamento do *corpus* indicam que, na análise realizada, apareceram 135 evocações, das quais 78 eram diferentes. A frequência média foi igual a 5, a ordem média de evocação (OME) foi igual a 2,5 e correspondeu a um aproveitamento de 100% do *corpus*, o que pode ser considerado como um excelente índice de aproveitamento dos dados.

Como forma de interpretar o quadro de quatro casas (Figura 1), Abric (1997), pontua que cada quadrante contém informações elementares para a análise da representação: no superior esquerdo estão alocados os elementos com maior frequência e menor hierarquia, classificados como possíveis constituintes do Núcleo Central; no inferior esquerdo, denominado ‘zona de contraste’ são encontrados os termos com baixa frequência, foram mais prontamente evocados e são considerados importantes para o grupo de pertencimento; no superior direito, conhecido como ‘primeira periferia’, estão agrupados os elementos periféricos mais importantes da representação, apesar de evocados mais tardiamente, apresentam as maiores frequências; enquanto que, no quadrante inferior direito, constituído como ‘segunda periferia’ estão localizados os termos que, apesar de terem sido evocados tardiamente e possuírem as menores frequências, possuem papel fundamental no campo representacional, considerando sua interrelação com as práticas cotidianas.

**Figura 1.** Configuração estrutural da representação da expressão indutora “*Eu mesma, mulher (transsexual)...*”: elementos centrais e periféricos (n=27). Salvador, Bahia, Brasil, 2017.

Elementos do núcleo central			Elementos da 1ª periferia		
Frequência $\geq 5$ – OME $< 2,5$			Frequência $\geq 5$ - OME $\geq 2,5$		
Elemento	Frequência	OME	Elemento	Frequência	OME
Mulher	8	1,125	Luta diária	10	3,300
Preconceito	5	2,200	Esperança	5	4,000
Elementos da zona de contraste			Elementos da 2ª periferia		
Frequência $< 5$ – OME $< 2,5$			Frequência $< 5$ - OME $\geq 2,5$		
Elemento	Frequência	OME	Elemento	Frequência	OME
Guerreira	4	1,750	Conquista	4	4,000
Paciência	4	2,250	Medo	4	3,750
Resistência	3	1,667	Coragem	3	3,333
			Determinação	3	3,667
			Força	3	4,333
			Luta	3	4,333

No quadrante superior esquerdo, aparecem os termos *mulher* e *preconceito*. Esses termos apresentam similaridade, tendo em vista que a compreensão binária de gênero perpassa por um conjunto de condições que impactam em suas vivências cotidianas, à medida que resistem e buscam romper as barreiras socialmente impostas pela heteronormatividade. O termo preconceito tem uma forte relação com o elemento *luta diária*, presente na primeira periferia, bem como com elementos presentes na segunda periferia como *coragem*, *força*, *determinação* e *luta*, *paciência* e *resistência*, presentes na zona de contraste. Os termos evidenciam que a mulher (transexual) vivencia uma jornada dura de opressão, mas que, apesar disso, ela precisa ter *esperança* para lutar por suas conquistas sem *medo*, tornando-se assim uma *guerreira* frente aos tensionamentos e às adversidades. Embora a construção social da heteronormatividade balize as relações sociais entre os diversos grupos, é importante salientar quão politicamente engajadas estão as participantes deste estudo; quando evocam mais prontamente a expressão *mulher*, assim ‘se reconhecem’, demonstrando uma dimensão positiva no campo representacional.

No quadrante superior direito encontram-se os termos *luta diária* e *esperança* que apesar de terem uma alta frequência, foram evocadas mais tardiamente. O termo *luta diária* está relacionado aos enfrentamentos cotidianos para se ‘fazer’ existir enquanto mulher (transexual), em prol do reconhecimento destas. Especialmente, no que refere as alterações e/ou modificações corporais empreendidas no sentido de melhor adequarem seus corpos em consonância ao sentimento interno. Nesse aspecto, o verbo “[...] ‘fazer’ significa assumir uma posição de gênero e, nesse processo, deve-se construir margens discursivas de delimitação com outras experiências [...] a construção das posições transexuais efetiva-se, particularmente, através de sua delimitação com os gays, as lésbicas e as travestis” (BENTO, 2014, p. 27)

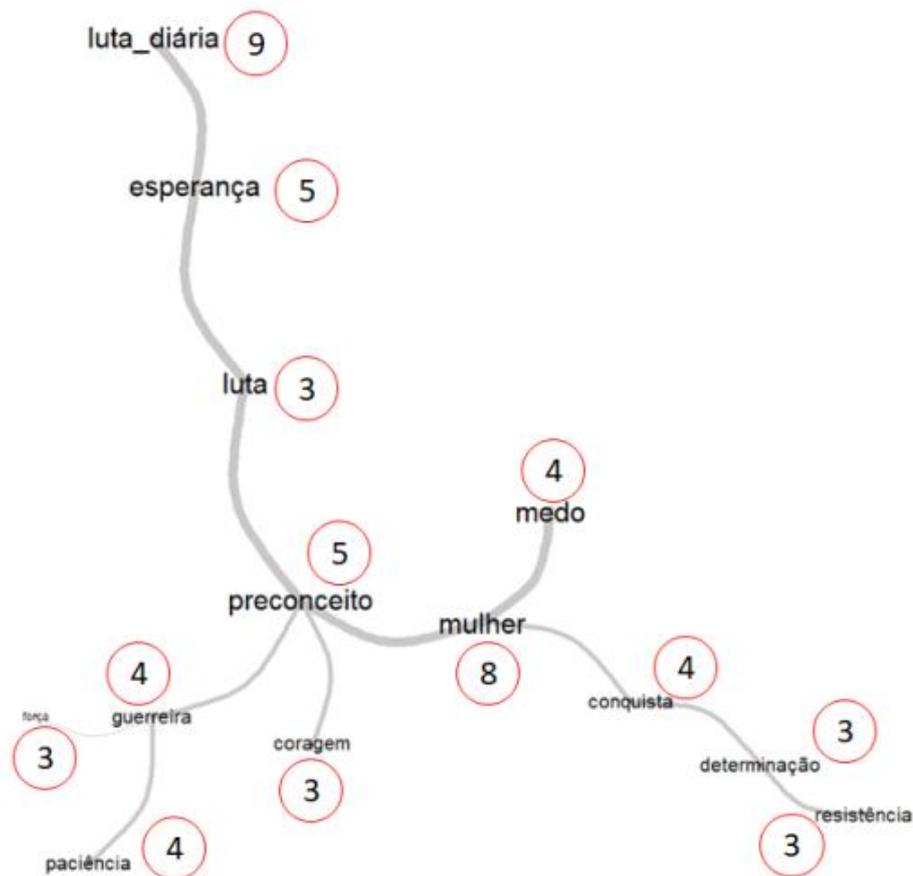
O quadrante inferior esquerdo composto pelos termos *guerreira*, *paciência* e *resistência* evidencia que não se apresentam elementos que se oponham ao núcleo central. Sob esse aspecto, é possível afirmar que não há contraste e, sim, homogeneidade nas representações sociais do grupo estudado.

No quadrante inferior direito, os elementos *conquista*, *medo*, *coragem*, *força*, *determinação* e *luta*, retratam a vida cotidiana e as vivências das interlocutoras para que seus direitos sejam respeitados, garantidos e assegurados.

A análise de similitude (Figura 2) confirmou a centralidade dos elementos, a partir das evocações apreendidas, permitindo identificar as co-ocorrências através da análise frequencial

entre as evocações, resultante da conectividade entre elas (CAMARGO; JUSTO, 2013). As palavras em destaque - considerando o tamanho da fonte e negrito - demonstram maior centralidade e importância para a ligação estabelecida entre os elementos. Assim, quanto maior o tamanho da fonte e a espessura das ramificações, maior a frequência e contribuição para a formação das conexões na respectiva árvore, que sublinha a ideia de *preconceito* no campo representacional em análise e demonstra forte relação entre os seguintes elementos: *mulher*, *medo*, *luta*, *esperança* e *luta diária*.

**Figura 2.** Análise de similitude obtida a partir da expressão indutora “*Eu mesma, mulher (transexual)...*” para mulheres (transexuais), (n=27). Salvador, Bahia, Brasil, 2017.



## Conclusões

Os dados apontam para representações em que as performatividades de gênero e os modos de vidas para ‘ser/estar’ mulher (transexual) são tomados como atravessamentos, rupturas e

fronteiras, onde seus corpos são ‘marcados/tidos/considerados’ (in)conformes<sup>5</sup>, em que lhes é negado o sentimento de pertença social. Esses aspectos se traduzem em preconceitos, medos e lutas, que compõem as suas representações para se fazerem existir e serem reconhecidas do modo como se sentem.

Assim, enfatiza-se a necessidade de aprofundamento do debate e desenvolvimento de novos estudos que facultem a compreensão da(s) transexualidades, de modo a conferir maior legitimidade considerando as especificidades desse segmento populacional.

## Referências

ABRIC, J-C. Les représentations sociales: aspects théoriques. In: \_\_\_\_\_. **Pratiques sociales et representations**. 2. ed. Paris: PUF, 1997. p. 11-36.

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Editora, 2000. p. 27-38.

ARRUDA, A. Despertando do pesadelo: a interpretação. In: SOUSA, C. P. et al. (Org.). **Angela Arruda e as representações sociais: estudos selecionados**. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014, p. 117-145.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TRANSMASCULINIDADES. **Conheça o IBRAT** (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades). Diversidade Potiguar. Disponível em: <<https://grupodiversidadepotiguar.wordpress.com/2014/10/30/conheca-o-ibrat-instituto-brasileiro-de-transmasculinidade/>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidades e cultura**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOLINER, P. Les méthodes de repérage et d'identification du noyau des représentations. In: GUIMELLI, C. (Ed.). **Structures et transformations des représentations sociales**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1994. p. 199-232.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.

---

<sup>5</sup>Considerando o investimento em práticas de modificações corporais para aquelas que desejam e conseguem acessá-las e/ou dispõem de recursos financeiros para custeá-las.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

PASSOS, M. **Entrevista concedida a Carlos Porcino**. Salvador, 14 set. 2016.

PATERNOSTRO, S. **Na terra de Deus e do homem**: uma visão crítica da nossa cultura sexual. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

SÁ, C. P. Teoria e pesquisa do núcleo central das representações sociais. In: \_\_\_\_\_. **Estudos de psicologia social**: história, comportamento, representações e memória. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015. p. 209-226.

SIMPSON, K. **Conversa pessoal com Keila Simpson**. Salvador, 21 jul. 2017.

TEIXEIRA, F. B. **Dispositivos de dor**: saberes - poderes que (con)formam as transexualidades. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.

VENCESLAU, C. S. V. **E-mail pessoal enviado a Carlos Porcino**. Campo Grande, 29 abr. 2014.